

Visuais

Veilhan, ou a arte que ousa mudar o espaço

Ligado em arquitetura, o artista francês abre mostra em São Paulo

Antonio Gonçalves Filho

Os lugares visitados pelo artista francês Xavier Veilhan, 52, jamais são os mesmos após sua passagem. Em 2009, instalou uma gigantesca carruagem púrpura em frente do palácio de Versalhes, fazendo a festa dos turistas estrangeiros. São Paulo o conhece por sua instalação *Raios*, fios finos que imitavam os raios solares atravessando as folhagens, que integrou a coletiva *Made By... Brasileiros*, em 2014, no extinto Hospital Matarazzo. Agora chegou a vez da Galeria Nara Roesler, que passa a representar o artista no Brasil e abre nesta segunda, 24, sua primeira exposição individual na América Latina, *Horizonte Verde*. A mostra é composta por 17 obras do artista, que une em suas peças alta tecnologia e arquitetura – ele recorre a scanners 3D para fazer esculturas lapidadas com os mais variados tipos de figuras, de homens a bestas, inseridas no espaço arquitetônico. Por ser esta sua ex-

posição inaugural no Brasil, Veilhan achou conveniente resumir sua trajetória, exibindo desde esses homens toscos, que contrastam com os do escultor inglês Anthony Gormley – “ele é intimista, eu sou extrovertido” – até seus móveis, que devem algo à tradição de Calder. A diferença é que eles não têm existência autônoma – mudam conforme o ambiente, como na sala da galeria em que as paredes são forradas por litografias monocromáticas.

Numa segunda sala, ele mostra seu trabalho mais popular, as esculturas – Veilhan é capaz de produzir tanto representações naturalistas de personalidades (já esculpiu os corpos dos arquitetos Jean Nouvel e Renzo Piano) como seus parentes mais próximos. Seu material favorito é a fibra de carbono. Ele agora deu para usar pedastais de madeira, como nos antigos monumentos, evidenciando seu lado artesanal, um pouco esquecido no início da década, quando deu preferên-



EPTÁCIO PESSOA/ESTADÃO



FOTOS DIVULGAÇÃO

Criador. Xavier Veilhan (acima), uma de suas esculturas e a sala com seus novos móveis (à esquerda)

cia ao aço inox e resina. Veilhan não é um neófito no circuito. Começou sua carreira nos anos 1990. Fez intervenções ‘in situ’ em várias capitais europeias e americanas, sempre investindo no espaço público (ele prepara agora um novo projeto para o Pompidou, o primeiro para a cidade de Paris, onde se formou). Paralelamente, escreve e produz os próprios filmes experimentais, em geral mudos e curtos.

Homem culto e eclético, que gosta tanto de Antonioni como Michael Mann, passando por Alain Guiraudie, Veilhan não nutre preconceitos estéticos. “Pensando como usar o espaço do palácio de Versalhes, a princípio não queria usar a escala gigantesca de Jeff Koons, mas ela acabou se impondo, porque minha geração sofreu grande influência dele”, diz Veilhan, acrescentando que a cor púrpura, que representa as roupas dos cardeais e também a dos antigos magistrados romanos, era a ideal para ser aplicada à carruagem de Versalhes, que mais parece uma versão cubista da carroça fantasma do clássico filme sueco de Victor Sjöström.

Para ele, qualquer referência vale, especialmente se ela tiver a chancela da modernidade. Já o compararam ao futurista Boccioni, por causa das esculturas que sugerem velocidade, mas ele insiste que Jeff Koons é sua referência. “Ele seguiu os passos de Duchamp e Andy Warhol, no sentido de desmistificar a obra de arte, embora eu, pessoalmente, considere que o artista deva se curvar à história para entender o que significa a modernidade.”

HORIZONTE VERDE

Galeria Nara Roesler. Avenida Europa, 655; tel. 3063-2344. 2ª a 6ª, 10h/19h; sáb., 11h/15h. Abre hoje, 24. **Até 26/9**

Cinema Em cartaz

Sophie Marceau e a guerra dos sexos em comédia divertida

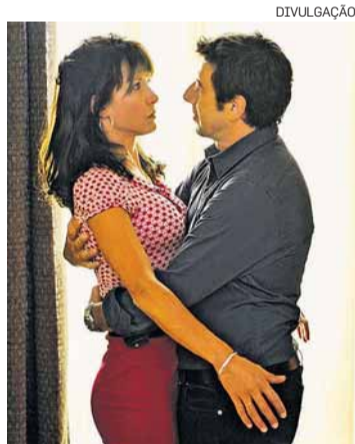
Atriz divide a cena com Patrick Bruel em ‘Sexo, Amor e Terapia’, feito com graça pela diretora Tonie Marshall

Luiz Carlos Merten

Poderia ter sido parte da estratégia de lançamento de *Sexo, Amor e Terapia* – se o filme de Tonie Marshall já não tivesse esgotado seu ciclo nos cinemas franceses. No longa, na verdade bem curto – menos de uma hora e meia –, Sophie Marceau faz uma viciada em sexo que usa vestidos provocantes para quebrar a guarda de Patrick Bruel (que resiste a suas investidas).

Em maio, Sophie integrava o júri internacional que entregou a Palma de Ouro a *Dheepan*, de Jacques Audiard. Fazia a montée des marches com Guillermo Del Toro quando, no meio da escadaria, e em pleno tapete vermelho, um golpe de vento abriu seu vestido e o mundo inteiro viu as calcinhas de Sophie. Marilyn Monroe já era (em *O Pecado Mora ao Lado*, de Billy Wilder). Sophie Marceau na cabeça. Ou melhor, ‘en culottes’, como dizem os franceses.

Há muito o que dizer sobre Sophie Marceau. Como Andie McDowell, outra garota-propaganda da L’Oréal, ela é a prova viva de que a linha de beleza funciona. Sophie está beirando os 50 e continua deslumbrante. Sexy, brejeira. O oposto de *Nem Vem Que Não Tem*, o hit de Wilson Simonal que teve versão na França e é a música de fundo no começo do filme de Tonie Marshall. Nem vem que não tem é o mantra do personagem de Patrick Bruel. Viciado em sexo – priápico –, ele faz tratamento e está prestes a completar um ano de abstinência quando ganha nova colega, Sophie. Ela é ninfomaniaca, mas os puritanos podem ficar tranquilos. Tonie Marshall



Química. Sophie, Bruel e Wilson Simonal na trilha

aborda o tema de forma muito mais comedida que Lars Von Trier. Sophie quer, Patrick resiste. Ela faz de tudo para provocá-lo, e a resistência é tanto mais árdua porque ambos são terapeutas sexuais e prestam atendimento a casais em crise. E o motivo dos desentendimentos é quase sempre o sexo – ou a falta de.

Eles ouvem histórias, muitas histórias. E Sophie insinua-se. Filha de uma atriz mítica, Micheline Presle – de *Adúltera/Le Diable au Corps*, de Claude Autant-Lara, com Gérard Philippe, de 1947 –, a diretora Tonie Marshall fez história como a primeira mulher a receber o César, o Oscar francês, de melhor filme e direção. O filme, *Instituto de Beleza Venus/Venus Beauté*, de 2000. Há 15 anos. Mulheres num instituto de beleza, mulheres que se embelezam para seus homens, que se enredam com diferentes homens.

Mesmo não sendo explícita, *Sexo, Amor e Terapia* não é uma comédia romântica como as outras, de Hollywood, pelo simples fato de que tem uma abordagem mais livre das atividades das pessoas – dos casais – na cama. Tudo passa, outudo depende da química entre Sophie e Patrick. Ele é um astro na França. Cantor, showman, ator. Tem uma cena engraçada com a também cantora Sylvie Vartan. Falam de idade

e... suco de tomate. O curioso é que, num filme como esse, o público tem uma expectativa para o final. É interessante ver como Tonie Marshall brinca com essa expectativa. O que esperar quando você está esperando. Não, não se trata de reproduzir a comédia norte-americana (com Rodrigo Santoro) sobre casais grávidos. A questão é como segurar o interesse do público até que caiam, biblicamente, as muralhas de Jericó. Tem gente dizendo que o filme é previsível, mas isso é só meia-verdade.

Em 1999, Sophie Marceau surtou ao entregar a Palma de Ouro – para *Rosetta*, dos irmãos Dardenne. Disse tanta caca no microfone do maior festival do mundo que você era capaz de jurar que acabara. Que nada! Reinventou-se naquele mesmo ano como vilã de James Bond em 007 – *O Mundo Não É o Bastante* e, agora, como ninfomaniaca. Palmas que ela merece.

MSC YACHT CLUB

UM IATE EXCLUSIVO A BORDO DO MSC SPLENDIDA. SUÍTES LUXUOSAS, MORDOMO 24H, SOLÁRIO E PISCINA PRIVATIVOS.

www.msccruzeiros.com.br

É hora de brilhar!

Globo

gabby ESTRELLA

NOVA TEMPORADA
31 de Agosto · Segunda a sexta · 20h

mundogloob.com.br/gabyestrella